

TIRO E SPORT

ANNO XIII

Revista de Educação Physica e Actualidades
Continuação d'O Tiro Civil e da Revista de Sport

N.º 350

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

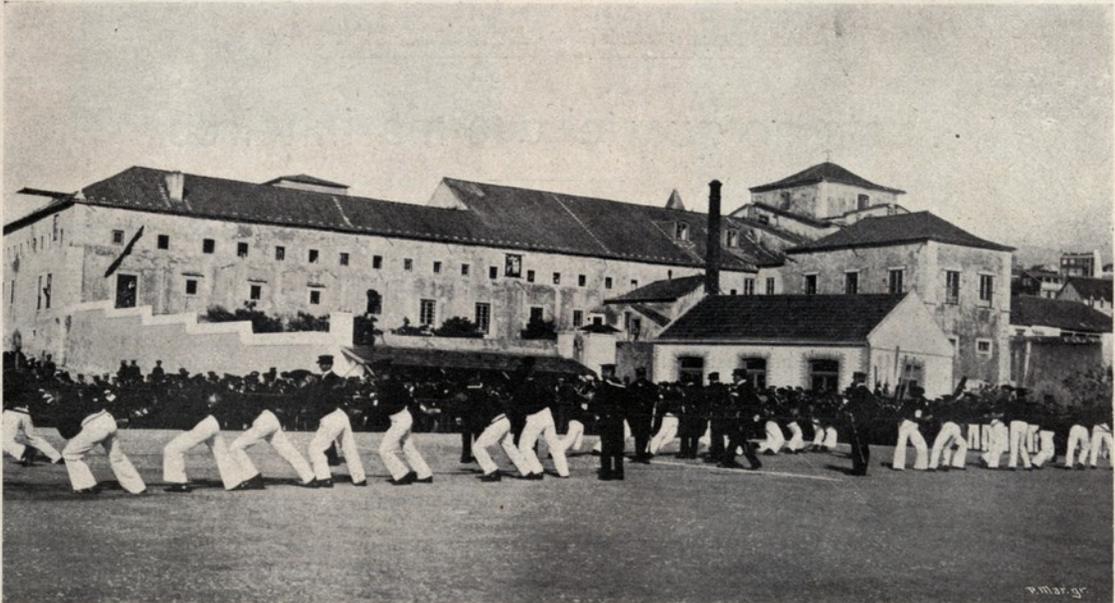
Director proprietario: Senna Cardoso — Secretario da redacção: Costa Ferreira

EDITOR RESPONSÁVEL — *Candido Chaves*
Typ. do Anuario Commercial — C. da Gloria, 5

15 de Março de 1907

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Nova do Almada, 80 — LISBOA — Telephone, 1231

Festa no quartel dos marinheiros



O grupo dos marinheiros da canhoneira TEJO e os do quartel, na luta de tracção

Cliché TIRO E SPORT

Sua Magestade o Rei Frederico da Saxonia

Nascido em Dresde a 25 de maio de 1865, contando por conseguinte, quarenta e dois annos d'idade, o rei da Saxonia, Frederico Augusto que ultimamente honrou com a sua visita a nossa capital, casou em Vienna com a archiduqueza Luiza Antonieta Maria, de quem se divorciou em 1903 e de quem teve seis filhos, sendo tres principes e tres princezas.

Nascido e educado pois n'um paiz incorporado na confederação da Allemanha do Norte, como é a Saxonia, o rei Frederico Augusto é acima de tudo um militar apaixonado pelos livros de guerra e por tudo quanto diz respeito ás sciencias militares.

Robusto e saudavel, apresentando na physionomia todos os caracteristicos de uma raça apurada, adora os passeios matutinos, ao erguer da manhã, e, seguindo a religião catholica romana é um devoto sincero e fervoroso.

O rei da Saxonia possui uma educação muito completa, sendo versado em muitos ramos de sciencia e sendo um amante da archeologia e das artes e um amator photographico muito distincto.

Nos seus passeios na nossa capital, o rei Frederico Augusto, mostrou sempre achar-se compenetrado de uma profunda admiração pelos soberbos panoramas que de certos locais elevados se disfructam. Assim em S. Pedro d'Alcantara, o rei da Saxonia teve palavras d'entusiasmo pela soberania d'esse quadro admiravel que d'ahi se avista e

apressou-se a tirar algumas photographias do local. Visitando os nossos mercados, procurou informar-se de tudo que via, achando muito pittoresco e caracteristico o trajar das nossas ovarinas e collarejas e muito curioso o movimento commercial da praça da Ribeira Nova.

Para os nossos soldados igualmente teve o rei da Saxonia palavras muito lisongeiros durante os exercicios a que assistiu na companhia de S. M. El Rei D. Carlos no Hypodromo, em Pedrouços e, durante a sua estada entre nós, não se cansou d'elogiar já a belleza da cidade e dos arredores, já a incomparavel amenidade do clima.

A visita do rei da Saxonia, chefe de um estado de reconhecidas e nobres tradições, foi para Portugal sumamente grata e de um feliz resultado social porque não somente veio mostrar a boa cordealidade de relações entre Portugal e os estados confederados da Allemanha, como ainda as veio estreitar mais.

Monarchia constitucional hereditaria nos filhos varões, o reino da Saxonia faz parte da confederação allemã desde 21 de novembro de 1866, tendo porém sido decretada a sua constituição em 1831. Tem duas camaras: a alta e a dos deputados, e na religião predomina o catholicismo romano. E' um dos estados depois da Baviera mais importantes da Allemanha confederada, possuindo um commercio importante em louças e principalmente em tecidos, cuja reputação é universal.



Festa no quartel dos marinheiros

Instructores — Difficuldades vencidas — Luta contra a rotina e deficiencia de meios para a combater — Perseverança tenacidade e energia moral — Educação physica das praças, seus efeitos — Noção do Dever — Disciplina — Formação do caracter — Dignidade da corporação — Efeito social.

Todos os jornaes da capital mais ou menos se referiram já, de uma maneira elogiosa, a esta festa e a reportagem dos exercicios n'ella apresentados, foi tambem já feita com maior ou menor minuciosidade, e portanto nada temos a accrescentar a tal respeito.

Encaremos esta festa, *militar por excellencia*, unicamente sob este ponto de vista, debaixo do qual desejaríamos que tivesse sido notada, principalmente pelos nossos officiaes de terra e mar.

Antes de entrarmos propriamente no assumpto, não deixaremos de frizar que aquelles diversos exercicios executados por praças recentemente recrutadas, representam, além do trabalho natural da sua instrução, um colossal dispendio de esforços, de energias e de luctas externas e internas, da parte dos instructores que, á grande maioria dos espectadores, passou despercebido.

Um instructor de recrutas, em geral um official subalterno, que, incumbido de ministrar apenas a instrução de recruta ás praças, tem no nosso meio militar a audacia de comprehender que essa instrução como está orientada é menos ainda que deficiente e que a sua missão de instructor, tendo um fim humanitario e patriótico superior, não pôde limitar-se ao ensinamento de, *direita e esquerda volver*, e que decide arcar contra tudo estabelecido até ahi, para unicamente attender ao desempenho consciencioso do seu dever, como a sua razão e a sua intelligencia lh'o indi-

cam, é caso tão raro e tão fóra do natural, que não podemos deixar aqui de o apontar.

Quanta coragem e quanta dedicação, despercebidas!

Que firmeza d'animo, que energia moral não é necessario, para a pouco e pouco, com uma tenacidade e pertinacia dignas de serem tomadas como modelo, conseguiram estes dois subalternos — Joaquim Costa e Carlos Villar — após pouco mais de dois annos, tão brilhante resultado contra a rotina estabelecida, sem considerar o interesse já despertado nas camadas superiores das regiões officiaes sobre a moderna orientação da educação das praças do exercito e armada.

A recompensa d'este enorme trabalho tiveram-n'a esses dois officiaes na satisfação intima do dever cumprido. Prazer moral que, quasi desconhecido no nosso meio de vaidades balôfas, n'este caso foi constituido pela synthese das pequenas alegrias, bem superiores, de todos aquelles marinheiros que hoje deixaram de ser a materia bruta de quando assentáram praça e passaram a ser — *homens* —, encarando a vida pelo seu verdadeiro lado tendo a nitida comprehensão dos seus deveres como cidadãos e como militares, isto é, como elementos sociaes.

Esta victoria alcançada contra a rotina, apezar da deficiencia dos meios para a combater, veio demonstrar-nos mais uma vez quanto pôde a tenacidade e a perseverança, esses dois optimos fructos da *energia moral*.

Incredulos e pessimistas, em geral ignorantes, que abundam no nosso meio esportivo, dirão que estamos fazendo romance e, dando se ares de — *homens superiores* — perguntarão sentados ás mezas dos cafés, ou nas salas dos clubs — «com que razão se diz que os marinheiros, por fa-

zerem uns *exercíciosinhos* de gymnastica sueca, de esgrima de bayoneta, e tomarem parte n'uns jogos de creanças, (que até parece impossível, tivessem os superiores consentido n'aquelle ridiculo) são hoje mais homens que 3 mezes antes?

Ora o ratão que escreve isto, está com certeza doudo, ou então pensa que somos tolos.».....

A razão é bem simples, mas para a comprehender tor-



JOAQUIM COSTA

2.º tenente d'armada e instructor do quartel de marinheiros

na-se necessario — *apenas* (1)—conhecer a influencia do movimento activo sobre todo o organismo humano, incluindo o cérebro. E' a ligação intima da educação da energia physica com a moral, que constitue a supremacia da gymnastica sueca sobre todos os methodos de educação physica. E é pela applicação, bem orientada do seu ramo, intitulado — Gymnastica militar — participando do Pedagógico. que se conseguem, com relativa facilidade, esses resultados.

Pela educação physica, propriamente dita, a praça perde ou pelo menos attenua consideravelmente, um certo numero de vicios adquiridos ou natos e, sem entrarmos em maiores divagações, apontaremos os vicios geraes da attitude, que unicamente por si, tem enorme influencia, não só no desenvolvimento physico como no moral, porque entrvando a função respiratoria, entrava o curso do sangue, sendo por isso o cérebro alimentado de uma maneira deficiente e, n'estas condições, como poderá elle funcionar capazmente? Como poderá produzir energicos movimentos voluntariosos? Como obter, pois, o desenvolvimento da energia moral?

E o que notámos desde a nossa chegada á parada do quartel de marinheiros e que desde logo nos impressionou

(1) A gymnastica estuda a acção e a forma dos movimentos. No primeiro caso é sciencia e no segundo, arte. No estudo da acção do movimento abrange 4 pontos essenciaes: o hygienico, o esthetico, o moral e o social; que estão intimamente ligados.

No hygienico não só estuda a acção mecano-biologica, como a funcional-organica.

E' a esta ultima que — *apenas* — nos reportamos.

agradavelmente foi a bella attitude d'esses homens que apenas tinham 3 mezes de praça! Ao vel'os marchar de cabeça erguida e solidamente collocada entre os hombros, com estes tão bem recuados e descabidos, que a fazenda das camisollas crescia em prégas nas costas; os peitos salientes, o ventre recolhido e o olhar em frente; tivemos immediata noção do alto valor pedagogico dos seus instructores.

Ainda ha pouco, o almirante lord Beresford, ao passar revista ás praças de marinhagem de um couraçado da esquadra ingleza, justamente impressionado pela sua bella attitude e pela maneira como ellas o encaravam bem de frente, sem temor algum mas com respeitosa arrogancia, fez-lhes uma elogiosa allocução dizendo ser assim que desejaria ver sempre todos os marinheiros inglezes encarando «*straight in the face*» os seus superiores, demonstrando por essa forma a inteira e plena confiança que n'elles depositavam.

Os effeitos moraes, resultantes d'esta maneira de orientar a educação das praças, já se tem feito sentir não só no



Taça de prata offerecida pela Liga Naval Portuguesa para a *equipe* vencedora na luta de tracção.

Execução do artista portuense José Rosas

Cliché Cardoso & Correia

quartel como a bordo de varios navios de guerra, surtos no Tejo, aonde tambem se ministra já, a instrucção de gymnastico sueca.

Os pedidos de licenças para pernoitar fóra do quartel tem diminuido, e nas tabernas e em outros logares aonde geralmente se encontravam marinheiros, a sua frequencia tem tão bem diminuido consideravelmente. O desenvolvimento do gosto pelos esportes collectivos entre os nossos

marinheiros, tem ultimamente augmentado a tal ponto, que não é só no campo d'Alcantara que os temos visto a assistirem com interesse aos — *matches* — de *foot-ball*, mas ainda em Carcavellos, tendo gasto dinheiro em comboyo expressamente para esse fim!

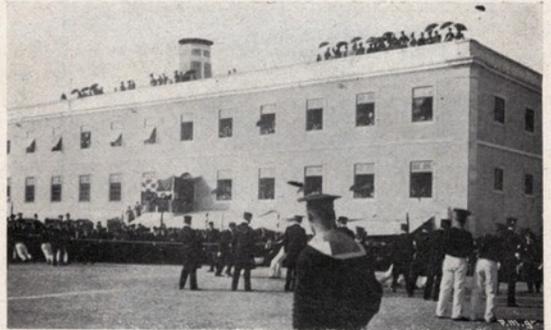
Todos sabem que, quem tem o espirito interessado nos jogos esportivos, aproveita os momentos de folga para n'elles se exercitar e não tem tempo para pensar no vinho da taberna, nem nos prazeres deprimentes dos alcouces. Assim orientados, facilmente se percebe como a ideia do

dever se torna hoje bem nitida a estes homens que ainda hontem, por assim dizer, a desconheciam e para os quaes a noção da disciplina era apenas o terror do castigo disciplinar.

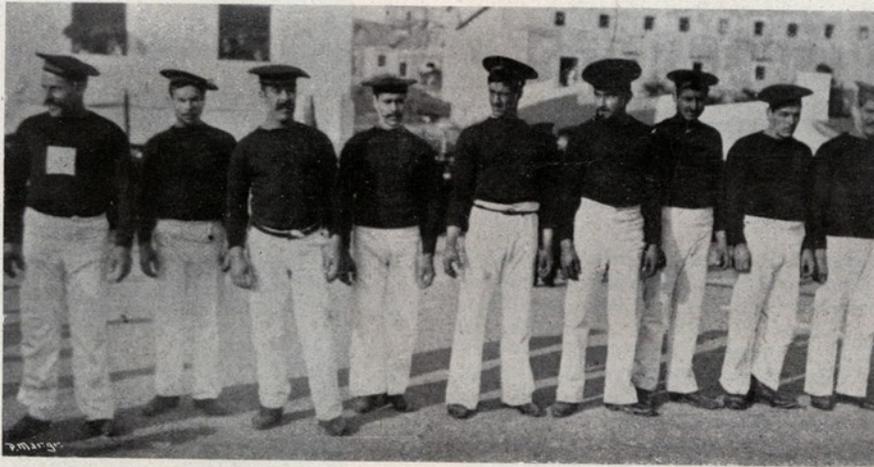
A disciplina que assenta n'este terror poderá ser ainda, boa para pretos no sertão, mas para brancos, para marinheiros, não deve nem pôde ser assim comprehendida, por constituir um aviltamento de character, que se não pôde coadunar por fórma alguma com os deveres que a sociedade e a Patria, hoje lhes impõe.



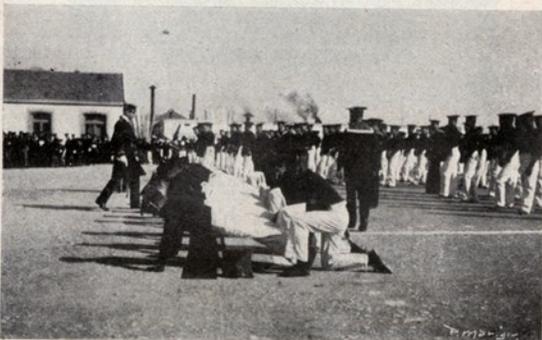
O contra-almirante Vianna em conferencia com Carlos Villar



Um aspecto



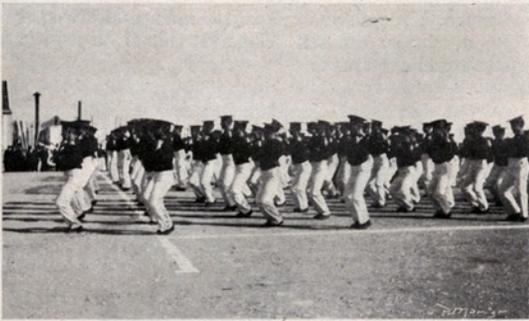
O Grupo de marinheiros da canhoneira Tejo vencedor da Taça na lucha de tracção



Exercicios de gymnastica sueca



Exercicios d'esgrima de bayoneta



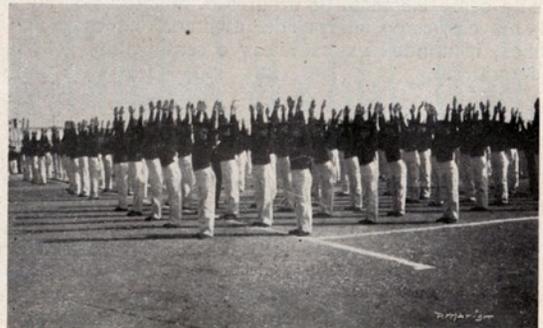
Exercícios de gymnastica sueca



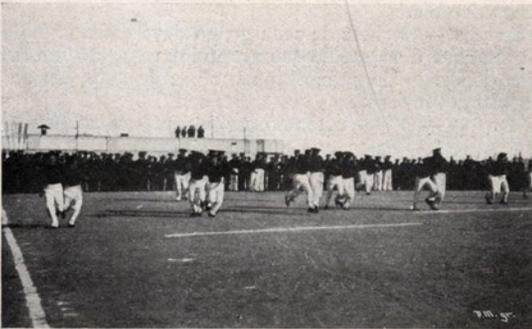
Exercícios de gymnastica sueca com arma



Lucta de tracção



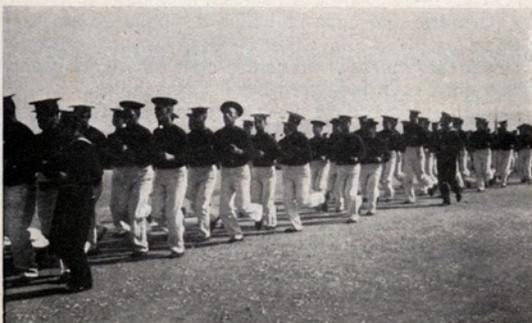
Exercícios de gymnastica sueca



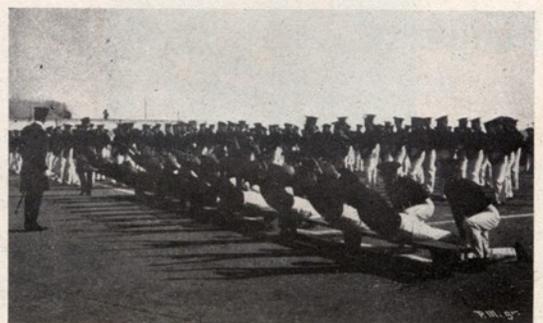
Corrida das tres pernas



Exercícios de gymnastica sueca com arma



Passo de gymnastica



Exercícios de gymnastica sueca

Para bem cumprir a sua missão o homem deve primeiro e acima de tudo, prezar a sua dignidade, por tanto não pôde admitir superioridades que lhe sejam impostas pelo terror do — castigo.

A praça que — como estes ex-recrutas, — chega a ter a consciencia do seu valor physico, pela maneira facil como pratica os exercicios em que o educaram e do seu valor moral, pela energia e força de vontade que desenvolve, para conseguir, nos jogos esportivos collocar-se á frente dos seus camaradas, auxiliando *os do seu partido*, torna-se para a sociedade não só uma unidade de valor real, com a qual a comunidade pôde contar no momento de perigo, como um elemento valioso de trabalho e de progresso no tempo de paz.

No primeiro caso, como soldado saberá defender a sua bandeira, levado não só pelo sentimento do amor ao torrão que σ viu nascer, como pelo sentimento da *Honra*, e da dignidade propria que o fará respeitar e amar a corporação a que esteja ligado, e no segundo caso, manifestar-se-ha como elemento de progresso, quanto mais não seja, na maneira como, mais tarde, orientará a educação de seus filhos, inculcando-lhes as ideias e sentimentos generosos, adquiridos.

F. C.

Regulamento da taça da lucha de tracção na Armada

Art. 1.º — Com o fim de desenvolver na Armada o gosto pelos sports athleticos é pelo Conselho da Liga Naval Portugueza offerecida uma taça cuja posse será disputada annualmente no Quartel de Marinheiros na lucha de tracção (corda).

Art. 2.º — A prova de que trata o artigo anterior coincidirá com a festa militar destinada á apresentação dos recrutas do corpo que terminarem a instrucção.

Art. 3.º — E' aberta a inscripção a todos os navios estabelecimentos navaes, podendo cada um enviar um grupo de oito praças de graduacão inferior a 2.º sargento.



Lançamento do peso

Cliché Tiro e Sport

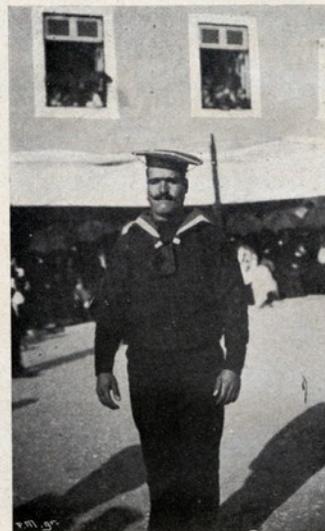
Art. 4.º — Será encerrada a inscripção quinze dias antes da realisacão do torneio.

Art. 5.º — Todo o expediente relativo a este assumpto deverá ser dirigido ao Instructor do corpo.

Art. 6.º — Dias antes do concurso serão irados á sorte

os numeros d'ordem dos concorrentes, devendo enviar-se aos interessados esse resultado.

§ unico. Cada navio ou estabelecimento interessado tem direito a mandar um seu delegado, official ou aspirante, a assistir áquelle sorteio.



ANTONIO JOÃO PIRES

2.º grumete 2-9160 — Lançou o peso de 5k,500 a 11^m,95 mas não do hombro como o preceito regulamentar.

Cliché Tiro e Sport

Art. 7.º — O numero de grupos inscriptos deve ser pelo menos de dois.

Art. 8.º — O chefe de cada grupo deve ostentar no peito o numero d'ordem do seu grupo impresso a tinta preta n'um quadrado de panno branco 0^m,12 de lado, cosido ou pregado no uniforme.

Art. 9.º — O instructor do corpo será arbitro.

Art. 10.º — Basta que um só dos grupos concorrentes se apresente, para ter direito ao premio.

Art. 11.º — Será distribuido o premio no proprio dia do torneio, ficando durante um anno em poder do navio ou estabelecimento a que pertencer o grupo vencedor, gravando-se na taça a data e o nome do navio ou estabelecimento.

§ unico. Acontecendo estar o navio em poder do qual se acha a taça, fora do porto de Lisboa na data provavel da realisacão do concurso, o seu commandante enviará aquella com a necessaria antecedencia ao commando do corpo de marinheiros.

Art. 12.º — A corda deve ser sufficientemente comprida para permitir que cada individuo disponha de um espaço de 1^m,20.

Deverá ser marcada no centro com um signal branco e a 3^m,40 para cada lado com signaes vermelhos.

O signal branco deve dizer com uma linha marcada no solo e os jogadores collocar-se-hão dos signaes vermelhos para fora.

A' voz de *luctar* ou a um toque de apito começará a lucha até que um dos partidos consiga arrastar o outro de modo que a marca vermelha diga com a linha do solo.

Disputar-se-ha o melhor de tres provas.

E' prohibido aos concorrentes:

a) O uso de calçado com cardas ou espetos de qual quer especie;

b) Fazer escavacão no terreno para alojar o pé ;



c) Tocar propositadamente no solo com qualquer parte do corpo que não sejam os pés.

Dos quinhentos recrutas que evolucionaram perante a Magestade, os Príncipes, auctoridades superiores do exercito e da marinha, e d'um publico selecto e numeroso, temos a distinguir os marinheiros da *Tejo* Antonio Maria, Henrique A. da Costa, Fernando Joaquim, Accacio dos Santos, Francisco P. da Silva, João Gonçalves, Macario Luiz e Zacharias Clemente que, na ultima luta de tracção, venceram os marinheiros do quartel, ganhando por conseguinte o primeiro premio — uma artistica taça de prata, offerta da *Liga Naval*.

Um numero que tambem despertou subido interesse foi o do lançamento do peso, cujo premio um lindo relógio de prata, coube ao marujo Joaquim Fernandes, que lançou o peso a uma distancia de 9^m,75.

Em corrida de tres pernas tambem se distinguiram os recrutas Ignacio Ferreira Junior e Francisco Costa, obtendo o terceiro e quarto premio que consistiam em uma cigareira e uma phosphoreira de prata e esmalte com competente estojo.

Concluidos os exercicios physicos, todos os marinheiros em grupo, seguindo o rythmo das ondas, quando o navio balança, entoaram algumas canções dos *Sinos de Cornville*, que foram muito applaudidos.

Em summa, foi uma festa memoravel que calou no animo de todos os assistentes que d'ali sahiram encantados pelo resultado obtido em tão pouco tempo.

O effeito produzido pelo desfile, a harmonia nos movimentos, a formação de grupos, o destroçar, tudo estava calculado de antemão como em magica de theatro, e cada um d'esses quinhentos evolucionistas retomava o seu determinado logar sem atropelos nem embaraços cada vez que findava a parte dos seus numerosos exercicios.

Artigos para Law-Tennis, Cricket e Foot-Ball

Grande sortimento

Salão de Jogos 48, Rua Nova do Almada, 52

Telephone 1231

Manoel Moreira



Grande e variado sortimento de artigos para photographias para profissionais e amadores

Artigos de superior qualidade

Execução rapida de qualquer encomenda

PREÇOS MODICOS

VENDAS A DINHEIRO

6, R. da Prata, 6
LISBOA

Charles Hill

DENTISTA

Especialidade: DENTES ARTIFICIAES

Rua Ivens, 57, 2.º

Os melhores vinhos de **CARCAVELLOS**, são os da Quinta da Cartaxeira de Annibal Dias Pereira.

Escovas de Dentes: **Senna**

38, Rua Nova do Almada, 38
TELEPHONE 1231

LIVRARIA FERIN

Officinas de encadernação e typographia

INSTRUMENTOS DE ENGENHEIRO

Papeis de desenho, tintas e accessorios

Deposito permanente de livros *SPORT*, esgrima, gymnastica, automobilismo, motocyclismo, etc.

Assignam-se todos os jornaes de *SPORT* em qualquer lingua

LIVRARIA FERIN

Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

Os melhores productos photographicos da actualidade

Chapas **AGFA** Extra-rapidas
Chromo
Diapositivas

Pelliculas rígidas **AGFA** Ordinarias
e Chromo

Chapas e Pelliculas — **ISOLAR** (antihalo)

à venda em todos estabelecimentos de artigos photographicos

Reveladores **AGFA** em substancia,
tubos
e solução

Especialidades **AGFA** Sal viro fixador, Re-
forçador, Reductor,
Luz Relampago, etc.

CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva — Cirurgião-dentista
Pela escola de Paris — Doenças de bocca e dentes
RUA DE SANTA JUSTA 60, 1.º

Bolas para tennis

SALÃO DE JOGOS
48, Rua Nova do Almada 52

Bicyclettes Inglezas

A 27\$000

Bicyclettes **JC**

Preços sem competencia

CASA VICTORIA

ARMANDO CRESPO & C.ª

112, Rua do Crucifixo, 114

LISBOA

Cousas de Arte

A proposta ultimamente apresentada ao parlamento pedindo um subsídio para a construção de um palacio de exposições de Bellas Artes vem novamente chamar a attenção geral para um dos ramos de ensino que mais se prende com a illustração moderna.

Só agora se comprehendeu que Lisboa não podia ficar atraz de outras capitães e mesmo de muitas cidades de importancia inferior á nossa. A falta de um edificio proprio para exposições de Arte na epoca actual constitue uma imperdoavel lacuna n'uma sociedade como a nossa onde existem artistas de comprovado talento justamente admirados dentro e fóra do paiz.

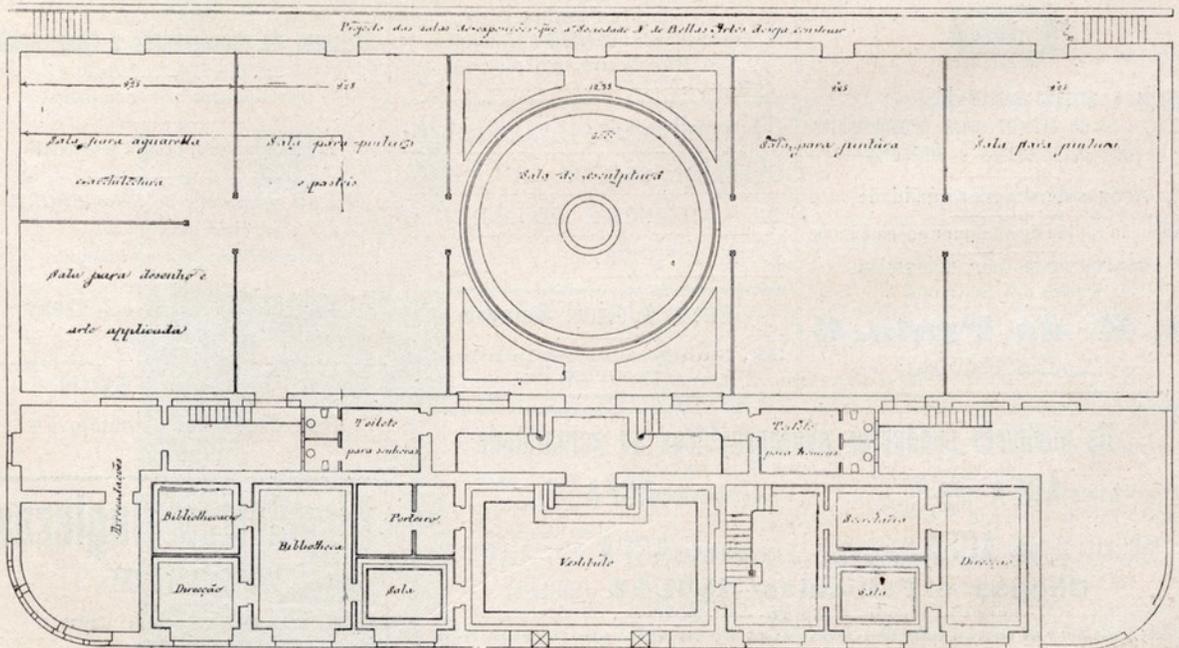
A par d'esses artistas, teem saído das escolas do paiz e do estrangeiro uma pleiade de novos cheios de enthusiasmo e de esperanza dando nos a impressão de que caminhamos para uma epoca d'arte florescente e activa.

O Palacio de Bellas Artes vem facultar a esses valiosos documentos da nossa actividade, um meio de propagar

dos nossos, está-nos incomparavelmente superior pelo interesse que ao publico e aos governos despertam as cousas d'arte. Ha bem pouco tempo ainda o governo hespanhol resolveu dobrar a verba já de si importante destinada á aquisição de obras d'arte premiadas nas exposições dos artistas hespanhoes.

Pequenos paizes como a Suissa sem pretensões a conhecimentos estheticos têm contudo pelas cousas d'arte um interesse que se revella em exposições auxiliadas pelos poderes publicos e por particulares. Não citaremos paizes que pelas suas manifestações de arte são considerados de extrema civilização.

Nós possuímos artistas cujo temperamento se manifesta d'uma fôrma particular e interessante e cujo successo a imprensa estrangeira algumas vezes celebra com elogio. Convem pois que o paiz possa aproveitar essas faculdades do nosso valor intellectual estimulando-as e facultando lhe um largo campo de expansão indispensavel.



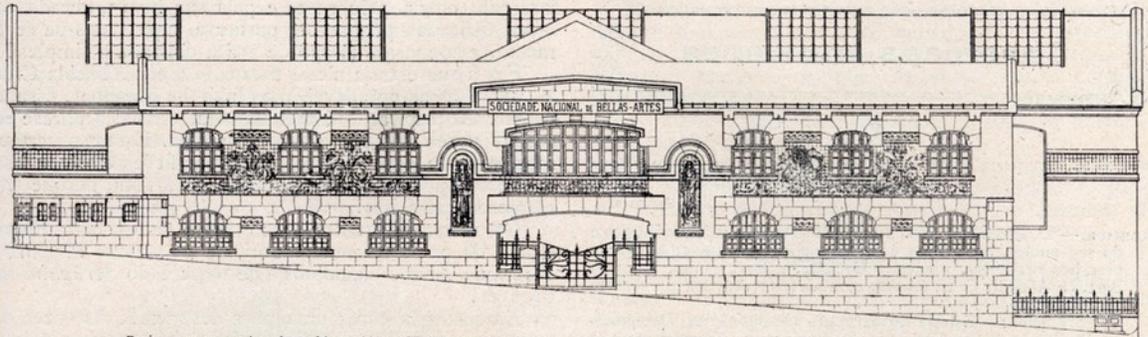
o amor pelas Bellas Artes e de introduzir nos nossos habitos e na nossa vida uma feição a bom gosto.

Os portuguezes que viajam trazem como a mais viva entre as suas melhores impressões, aquella que coihem do contacto estabelecido com os povos por intermedio das suas manifestações artisticas.

A nossa visinha Hespanha tão desdenhada por alguns

A construcção do novo edificio de exposição de Bellas Artes constitue pois um extraordinario acontecimento no nosso meio e representa um consolador symptoma de desenvolvimento e de progresso.

E de tudo é justiça citar aqui a iniciativa do Gremio Litterario que em reunião da Assembléa Geral votou uma verba importante destinada á aquisição de obras dos nos-



Projecto apresentado pelo architecto Alvaro Machado para as salas de exposições que a Sociedade Nacional de Bellas Artes deseja construir
ALÇADO PRINCIPAL

dos artistas. Este exemplo digno de maior elogio será certamente seguido por outras collectividades que não regatearão a arte portugueza esse apoio tão necessario ao seu desenvolvimento.

Falta-nos infelizmente o espaço para tratarmos mais longa e detalhadamente da obra de Raphael Bordallo Pinheiro.

Manuel Gustavo reuniu algumas das melhores obras de seu pae n'essa exposição que nos encanta e onde encontramos a obra do mestre desde os seus primeiros ensaios até aos ultimos trabalhos já incompletos. Impossivel seria reunir toda a sua obra tão dispersa não só no paiz como no estrangeiro onde ficaram alguns dos seus principaes trabalhos.

Todos os que visitaram Paris recordam-se do enorme successo obtido pela obra de Bordallo em 1889 e todos os trabalhos do Raphael ali ficaram.

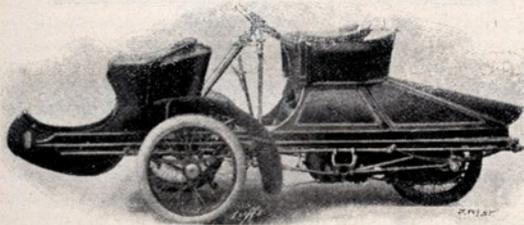
Seu filho Manoel mostra-nos agora alguns d'esses trabalhos esses esplendidos documentos do talento, do espirito e da fecundissima imaginação do mestre incomparavel.

Por todos os cantos surgem os typos populares mais conhecidos o policia, o abba, o sacristão, balancam gravemente o ventre n'um constante movimento comico. Depois é o *marcheur* que prosegue uma gentil dama ambos oscillando essas figuras que transitam no nosso Chiado.

Duas rãs, partem n'um doce enlevo para a região dos lagos, outros mil typos nos apparece palpitante de vida e de naturalidade trazendo-nos á memoria esse extraordinario artista tão querido de todos e que soube em tudo imprimir a nota da sua alegria espirituosa e suggestiva.

ANTONIO LOBO

Tricar Automovel « Rex »



Vende-se muito barato na casa «Velo-Portugal»

Motocycletes de 3½ e 5 cavallos, da mesma marca ingleza

J. da Costa Braga — Rua Maria, 21 a 23 — Lisboa

Taça Antonio Martins

Um grupo de amadores d'armas, enviou-nos a seguinte carta, que com o maior prazer aqui inserimos.

Essa carta pretende indagar a data fixa em que se disputa a Taça Antonio Martins, instituida pelo *Tiro e Sport* e entregue ha tempo no Centro Nacional de Esgrima, com o fim d'aquelle importante Centro d'armas elaborar o respectivo regulamento e organizar o Torneio.

Como temos na mais alta consideração os signatarios da carta, o nosso director, irá ao Centro Nacional de Esgrima procurar uma resposta que satisfaça os interessados, certo porém de que esta revista envidará todos os esforços para que o Torneio seja organizado quanto antes.

Segue a carta:

Ex.^{mo} Sr. director:

Foi em setembro do anno passado anunciado, no jornal que v. tão illustradamente dirige, um proximo concurso para amadores de esgrima com o fim de disputar a taça Antonio Martins, por esse mesmo jornal obsequiosamente offercida.

Estamos em março do anno seguinte e nada nos consta ainda que apparecesse sobre esse concurso, nem regulamento, nem arma escolhida, nem data de realisação.

Como achamos anti-sportivas estas delongas, cujas razões não pretendemos criticar, pedimos a v. que nos informe se podemos ter a esperanza de ver no primeiro numero do seu apreciado jornal publicadas as condições d'esse torneio, ou se devemos resignar-nos a considerar relegada essa taça, como a Taça Penha Longa, aos limites mysticos e visionarios da lendaria taça do rei de Thule.

de v. ex.^a
com a maior consideração,

Gil d'Andrade
Ruy d'Andrade
José da Costa Amorim
Joaquim Telles de Vasconcellos
Henrique de Mendonça

ENCADERNAÇÕES em todos os generos

Carlos Rodrigues Azevedo

27, C. do Sacramento, 29

(AO CARMO)

Cardozo & Correia Photographos

Trabalhos em todo o genero

Rua da Palma, 37

Chronicas musicæes

V

«L'architecture, est une musique de lignes
comme la musique est une architecture de sons.»

PAUL GAULTIER.

SUMMARIO—*D. Amelia*:— *Veronica* de Messenger, o valor da musica e do seu auctor, a empresa é digna de ellogios, sente-se a falta de uma boa orchestra, o maestro Capitani, o desempenho, Palmyra Bastos e Almeida Cruz, a parte coral detestavel; para que servem aquelles bailados?

S. Carlos:— Estreia do barytono Giraltoni, na *Damação* de Berlioz, a opera *Demonio* de Rubinstein, *Estrangeiro*— O drama lyrico de Alfredo Bruneau *Nais Micoulin*, e a *Thérèse* de Massenet.

Concerto:— *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*.

Pouco tempo depois de se ter dado em S. Carlos a *Louise* de Charpentier, o nosso elegante theatro D. Amelia deu-nos uma peça deliciosa do notavel compositor francez André Messenger, ha pouco tempo nomeado director da *Grande Opera de Paris*.

A *Veronica* é uma opera comica em tres actos, devida á penna de Vanloo e Duval, de graça facil e de fino espirito francez. Logo na pequena *ouverture* em movimento de marcha $\frac{2}{4}$, a orchestra inicia com uns desenhos encantadores uma musica de facil inspiração. Messenger na *Veronica* revelou-se um compositor muito mais expontaneo que na *Miss Dollar* e na *Les Petites Michu*.

A *Veronica* possui sobre tudo uma musica perfectamente ligada á accção dramatica que já por si é das mais simples, por isso não admira que a musica tenha um caracter perfectamente singello.

No 1.º acto, a *aria* de Florestin, e o final do acto teem traços melodicos e caracteristicos. O 2.º acto é, quanto a nós, o melhor da peça. O duetto do *burro* entre Veronica e Florestin e o delicioso duetto do *balouço* marcam claramente o talento de Messenger. No 3.º acto gostamos do duetto entre Florestin e Veronica, em que as phrases d'orchestra são d'um estylo bastante original.

Messenger é quasi um desconhecido para Lisboa; discipulo da Escola de Nièdermeyer, tem até agora, pelo seu talento, sabido conquistar magnificos logares como o de chefe d'orchestra do Mannai de Bruxellas, assim como director do theatro lyrico de Londres *Covent-Garden*.

As suas melhores obras são, entre outras: *Madame Chrysantheme*, *Le Mari de la Reine* e *Veronique* que foi representada pela primeira vez a dez de dezembro de 1898 no theatro Bouffes-Parisiens.

E' digna de encomios a empresa do D. Amelia, por ter dado a conhecer ao publico de Lisboa esta encantadora peça, que embora fina demais para o paladar do nosso publico em geral, estamos certos que agradou para aquelles que sabem o que é boa musica principalmente quando ella é fina e arrendilhada como esta é. Mas para peças d'esta ordem, é tambem necessario uma orchestra perfectamente organizada, falta que se nota infelizmente nos nossos theatros, até em S. Carlos! A orchestra do D. Amelia, embora tenha artistas cheios de boa vontade, o numero é demasiado pequeno, nota-se a falta de corda, e d'aqui os effectos orchestraes ficarem sensivelmente frouxos.

O maestro Capitani, artista que conhece como poucos, este genero do musica, conseguiu com a sua batuta assaz segura, poder tirar certos effectos, o que não é tarefa muito facil de se fazer!

Emquanto ao desempenho, como era de prever, teve as honras da noite a distincta cantora Palmyra Bastos. Artista intelligente soube comprehender o papel de Veronica, com o espirito leve de uma franceza; nas principaes passagens Palmyra Bastos, de figura sempre graciosa, soube tradu-

zir, pelo olhar, pelo gesto e pela sua bem timbrada voz essas delicadas paginas da partitura, repassadas de sentimento, e ao mesmo tempo de graça delicada e simples!

Fez a sua estreia n'este theatro o tenor Almeida Cruz. A voz é assaz agradável, mas falta-lhe o melhor, é saber cantar. A respiração é mal tomada, e d'ahi a phrase ser muitas vezes cortada e mal terminada. Estamos certissimos, e ainda está a tempo, se tomar lições com um bom professor, póde a vir a ser um bello artista, porque tem elementos para isso.

Os restantes artistas concorreram para o bom desempenho da peça, devendo mencionar os actores Pinheiro e Henrique Alves, dando nos este um creado *Seraphim* impagavel!

Emquanto a côros uma pura desgraça!! As vozes detestaveis, e algo desafinadas, artistas sem a menor ideia do que deviam fazer!! No segundo acto appareceram uns bailados que não são da peça, e que eram bem dispensados! Para que servio aquillo? Mais um bocadinho de respeito pela obra de Messenger... custa tão pouco..

O barytono Giraltoni, artista tão conhecido do nosso publico de S. Carlos, fez a sua estreia não com o *Demonio*



TINA DI LORENZO

Insigne artista actualmente no Theatro D. Amelia

como estava annunciada, mas sim com a *Damação do Fausto* de Berlioz, peça que tem sido cantada entre nós pelo grande artista Renaud e pelo barytono Bonini.

Somos dos primeiros a reconhecer em Giraltoni uma grande alma de artista, mas n'esta peça não nos agradou em absoluto.

Deu-nos uma personagem, por vezes ridicula em gestos, mas trechos houve que nos agradaram como foi a *serenata*.

Depois tivemos o *Demonio* de Rubinstein. Quando ha annos foi cantada pela primeira vez esta opera, notamos já por parte do publico uma certa frieza que francamente não

podemos comprehender, quando é tão prodigo em applaudir *Palhaços e Toscas*, pois este anno a frieza continua, o que é um signal bem evidente da falta de orientação artistica do publico de S. Carlos!

Bem sabemos que o *Demonio* não é a sua melhor opera, o *Nero* e *Machabeos* tem outro valor, sabemos tambem que Rubinstein não foi um operista perfeito, mas teve o talento bastante e a sabedoria musical necessaria para compôr operas de incontestavel valor.

O *Demonio* tem paginas de primeira ordem, e o traba-



PALMIRA BASTOS

lho de orchestra é cheio de um colorido bastante caracteristico.

Na parte do *Demonio* ouvimos mais uma vez Giraltoni, que conhece perfeitamente a opera.

No 1.º acto, na primeira scena e no duetto com o *Anjo*, Giraltoni revelou-se magnifico cantor.

No 3.º acto na grande *aria* junta a *Tamara*, que foi bisada, assim como no duetto do ultimo acto Giraltoni foi sempre optimo artista e bello cantor, recebendo bastantes applausos.

O tenor Schiavazzi cantou bem toda a sua parte, recebendo bastantes applausos no *arioso* do 2.º acto.

No papel de *Tamara* que foi desempenhado entre nós pela primeira vez pela cantora Wayda, artista intelligente, foi agora cantado pela sr.^a Clasenti, que continua a revelar-se cantora correcta.

A sr.^a Torretta no papel de *Anjo*, não foi feliz; admiramos-lhe a sua bella *figura de anjo* mas esteja lá pelo *ceu*, e não venha á terra cantar assim tão mal, olhe que é peccado...

O sr. Cirino, o mais discreto possivel.

O maestro Lambardi regeu regularmente a opera.

No theatro de Montecarlo habilmente dirigido por Gunsbourg, cantou-se agora pela primeira vez um drama lyrico em dois actos *Nais Micoulin*, musica de Alfred Bruneau. Este compositor, é um perfeito collaborador de Zola, parecendo que tem em mira transplantar para a musica a obra do escriptor francez. *Nais Micoulin*, é o nome d'uma novella que faz parte d'um volume que tem este nome. E' uma historia d'amor, *Micoulin* pae tyrannico, faz levar a sua filha *Nais*, uma vida triste e cheia de terror. Em um momento que *Micoulin* levanta a mão para *Nais*, acode-lhe *Toine*, um aleijado, que por amor pela rapariga salva-a das iras do pae. *Toine*, ama *Nais*, mas como poderá ella olhar para este desgraçado se já deu o coração a *Frédéric*? *Toine* tudo soffre, e sacrifica-se a tudo, até salvar *Frédéric* da morte que *Micoulin* lhe quer dar.

No segundo acto a paisagem da costa mediterranea é lugubre e triste. *Toine* está trabalhando em um cannal para as aguas. *Micoulin* conduz *Frédéric* para a pesca a fim de o precipitar ao mar. *Micoulin* cahe, e é levado pelas ondas, assim como *Frédéric*, é lançado á agua por *Nais*, *Toine* chega n'este momento e abre os braços a *Nais*, poderá esta amal-o?

Ve se que é um drama negro, mas a musica, segundo dizem os jornaes, traduz perfeitamente a accção. O papel de *Toine* foi desempenhado pelo barytono Renaud, tão nosso conhecido.

D'ahi a dias outra opera era dada pela primeira vez no mesmo theatro, uma nova composição de Julio Massenet, *Thérèse*, em dois actos, prosa de Jules Claretie. E' um episodio da Revolução, um amor no tempo do Terror.

No primeiro acto estamos perto de Versailles em um parque abandonado que pertencia ao marquez de Clerval. Este emigrou, e o castello e terras foi vendido a André Thorel, amigo intimo do marquez, casado com Thereza. O parque é atravessado por diferentes destacamentos de soldados que vão a caminho da fronteira. Um homem penetrou no parque, é o marquez de Clerval, o fugitivo, que quer ver outra vez a mulher que amou — Thereza.

Thereza encontra-se com Clerval, e fica cheia de terror, porque ama seu marido, ao mesmo tempo que sente um vivo amor por Clerval. Quando, André vem dizer adeus a Thereza, encontra o seu amigo de infancia dando-lhe agasalho. O 2.º acto é passado, um anno mais tarde (1793) a Revolução está no auge. Thereza pede ao marido um salvo conducto para Clerval, que não quer partir de Paris nem da França, sem Thereza, a mulher do seu amigo!

Quando esta está prompta para o acompanhar, sabe que o marido está preso, com os outros Girondinos. Thereza quer então ficar ao pé de seu marido, e quando ouve passar o carro com a leva dos condemnados, grita «*Vive le roi!*» é quanto é bastante para ser presa e morrer junta com o marido.

Massenet com uma felicidade pasmosa soube pôr em musica este episodio doloroso. Entre os trechos que agradaram mais destaca se o interludio *Queda das folhas*, a *aria do Passado*, o *Minuetto d'amor*, um duetto acompanhado a cravo, e a invocação de Thereza. Quando teremos esta opera em S. Carlos, ou a *Ariane* do mesmo auctor?

No salão do Conservatorio, a *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*, organisou um optimo concerto, em favor da caixa de soccorros a musicos pobres. Foi um programma habilmente elaborado, como era de esperar, estando á frente d'esta sociedade nomes como: D. Pedro Blanch, Moraes Palmeiro e Marcos Garin.

A distincta cantora Herminia Alagarim, em dois trechos de Massenet foi applaudida com inteira justiça, assim como as sr.^{as} D. Rachel de Sousa, e D. Deborah de Sousa.

Hilda King tocou brilhantemente na harpa, uma peça de Goderaid.

Pena foi que não ouvíssemos os solos de clarinete pelo distincto artista Severo da Silva, obrigado a faltar por um contratempo da ultima hora.

A orchestra d'arcos foi um dos numeros que mais agradeu. O sr. Blanch, revelou-se um regente de optimas qualidades, com uma nitida comprehensão do trecho, sentimento, e uma batuta segura.

D'aqui lhe enviamos as nossas felicitações.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

CASA DOS ESPARTILHOS



SANTOS MATTOS & C.^a

Lisboa

Rua Aurea, 125

SECÇÃO LITTERARIA

ETERNA NOITE

Romance historico, escripto expressamente para esta revista por J. Bivar de Sousa

Ahi pelos fins do anno de 1807, uma esquadra ingleza composta de treze fragatas de linha, demandava a barra do porto de Lisboa, no meio de um furioso temporal.

Era ao cair da tarde. O sol não se havia ainda sumido inteiramente no horizonte, mas a escuridão do oceano era completa. Aguaceiros espessos, negros, franjados, cobriam o ceo e sarriavam bategas geladas sobre as embarcações.

As sinetas de bordo faziam retenir o seu som de bronze a cada instante no meio do sibilar das rajadas atravez das enxarcias a dar signal para que os navios não se approximassem muito um dos outros, evitando assim um abalroamento que, n'aquelle momento, seria medonho.

A' frente, com parte do velame colhido e rasgado, vinha a fragata almirante, que, a espaços, sacudida pela vaga, mergulhava de prôa inteiramente.

As aguas estavam de tal forma encapelladas e era tão violenta a sua furia que pareciam querer tragar as pesadas embarcações, fazel-as desaparecer para sempre no fundo do seu immenso abysmo.

A velocidade dos navios era talvez superior a quinze milhas, um bom e providencial andamento para o fim que a esquadra visava satisfazer.

Todas as fragatas traziam accesos os pharoes que a custo se divisavam atravez da densa cerração do mar. A sua luz avermelhada reflectia-se sobre a superficie revolta do oceano e punha ahi uma fita dourada, que serpenteava convulsivamente.

Os navios aguentavam-se todavia, bem, mostrando a sua magnifica solidez e excellente construção.

Eram barcos esplendidos, construidos nos melhores estaleiros da Inglaterra e artilhados com sessenta bocas de fogo cada um.

Tinham aptidões admiraveis tanto para navegarem como para entrarem em combate, facto que não devia ser para extranhar dado o motivo porque a esquadra atravessava n'aquelle occasião, o oceano.

A Gran-Bretanha, sempre sensata e prudente, de longas vistas, não se arriscava, n'aquelles tempos calamitosos, de guerras incessantes, em que se via rodeada d'inimigos, a enviar a Portugal uma esquadra sem ter a convicção de que ella seria capaz de arrostar com as furias dos temporaes e dos que desejavam a sua completa ruina.

Sacrificava o seu ouro, os seus interesses, empenhava todos os seus esforços, servia-se dos melhores elementos, punha em cheque a sua riqueza; mas não se desviava um só passo do seu caminho politico. Tinha a esperanza, senão a certeza completa, positiva, real, de que alcançaria uma victoria tão grande, tão bella que a havia de indemnisar de todos os seus trabalhos e compromissos.

N'estes treze navios, que sulcavam, n'aquelle momento as aguas do oceano, punha a Inglaterra uma illimitada confiança. Era uma carta em que jogava o seu futuro, com um sangue frio, com uma prudencia e com uma tranquillidade que não havia mais a desejar.

As vagas varriam, por vezes, o convez d'aquellas embarcações robustas, envolvendo-o n'um como que lençol de espuma que, em

breve se desfazia, em milhares de pequenissimas gotas, n'uma poeira que encharcava os marinheiros, nus da cintura para cima para executarem, com maior facilidade e promptidão, as precisas manobras.

Dentro dos navios a ordem que ahi havia fazia um supremo contraste com a desordem exterior das aguas.

Todos os marinheiros estavam no seu posto, firmes como rochas, apezar dos violentos balanços dos barcos e perto das peças, os artilheiros, com os seus chapéus oleados e os seus casacos azues, completamente encharcados, pareciam esperar qualquer ordem de fazer fogo.

A esquadra impellida pelo vento cada vez mais rijo, avizinhava-se rapidamente das costas portuguezas.

Por duas vezes, o gageiro, amarrado á gávea do mastro grande, tinha dado signal de haver visto luz pela prôa, luz que não podia ser senão de terra.

Então uma manobra executada pelos pharoes da fragata almirante, fez subitamente com que todos os barcos tomassem outro rumo e se desviassem um pouco da costa e se mettessem de capa.

Este repentino retroceder e esta quasi que phantastica paragem, davam a entender indubitalmente que o commandante queria esperar qualquer cousa ou que os navios tinham trazido uma marcha mais veloz da que era precisa.

De minuto a minuto as sinetas tocavam e os officiaes do quarto fallavam, por meio do porta voz de fragata para fragata. Davam-se ordens apressadamente, faziam-se communicações importantes e os apitos dos mestres de manobras cortavam o espaço, de quando em quando, com silvos agudos.

Neste momento sobre a ponte de commando do navio almirante, estavam dois homens envoltos em capas d'oleado, observando e dirigindo as manobras e conversando nos intervallos em que a sua intervenção superior não era necessaria.

Um d'elles, o que parecia ter mais alta gradação, era um homem d'altura regular, magro, faces encovadas, mas vermelhas e requeimadas pelo ar do oceano, o nariz grande, aquilino, semelhante ao bico de uma aguia e os olhos azues, pequenos, onde brilhava uma extranha luz. Na sua frente espaçosa e larga, sulcada de innumeradas rugas, transparecia uma intelligencia avançada, havia o que quer que era que denotava o genio. Tinha nos labios, o que lhe dava uma comica expressão, um constante sorriso d'ironia e de desdem o que fazia convencer de que aquelle homem tinha a consciencia um pouco exagerada do seu alto valor.

As mãos descarnadas, os dedos compridos, nervosos, mostravam tambem a sua constituição enérgica e davam a conhecer o ingenho de uma alma robusta, de inqualificavel grandeza.

Era o almirante Sidney Smith um dos mais illustres marinheiros da velha Gran-Bretanha.

Este homem trazia do governo inglez instrucções d'exceptional rigor e a confiança inteira do seu paiz. Vinha a Portugal com o commando de uma poderosa esquadra, na mais espinhosa e grave missão.

O outro official que se encontrava a seu lado fazia, com o commandante, um perfeito contraste.

Era baixo, espadaudo, robusto.

Estava, como dissemos, egualmente envolto n'uma capa d'oleado, que escorria agua.

A sua phisionomia tinha um aspecto melancolico e pensativo que o tornava sympathico, facto pouco vulgar entre esses bellos filhos da nação ingleza.

Os seus olhos grandes, intelligentes, cheios de vida, fitavam o espaço tenebroso como se procurassem ali qualquer objecto.

Lia-se na sua frente altiva um grande valor e uma d'estas energias, acompanhadas de um pouco de bondade, que tornam admiraveis homens verdadeiramente superiores.

Era o immediato, o contra almirante Milton, descendente da illustre familia do grande poeta inglez do mesmo nome.

Por entre a furia da procella estes dois homens superiores, tinham travado uma prolongada conversação sobre os grandes acontecimentos que agitavam e perturbavam tão profundamente a paz da Europa.

As suas palavras breves, mas sonoras e finas, tinham um tom energico e sincero, que bem traduziam a convicção inabalavel das suas opiniões acerca da situação politica do seu paiz.

— Parece-me — dizia Milton — que chegou o momento de triumpharmos... O general Bonaparte tem os seus dias de esplendor contados já... Não acha, commandante? — acrescentou após uma breve pausa.

— Julgo que sim — respondeu o almirante com o seu sorriso d'ironia — Houve da parte d'esse corso magnifico um grande erro e... uma profunda ignorancia...

— Exactamente — atalhou o immediato — Bonaparte desconhece redondamente o grande espirito inglez...

— Seja assim... voltou Sidney — O que é certo é que o general errou... Tinha um plano gigantesco para nos lançar no abysmo da mais completa ruina, mas grandes difficuldades em pol-o em pratica. O decreto de Berlim, isto é o total bloqueio do continente é o pesadello do general corso... O almirante soltou uma pequena risada e proseguiu — Que ingenuidade...

— O senhor comprehende que grandes planos querem grandes forças...

— Certamente...

Fez-se uma pausa.

O vento continuava a sibilar por entre as enxarcias e o mar a mugir, batendo em vagalhões no costado da embarcação robusta.

Sidney deu um ligeiro passeio de bombordo a estibordo, com ar pensativo e depois voltando-se para Milton, redarguiu:

— Ora vêja o que se encaixou na cabeça de Bonaparte: nem mais nem menos de que destruir a Inglaterra, riscar-a da carta da Europa, passar-lhes por cima o gume da sua espada, fazer d'ella um reino para um dos seus subordinados, convertel-a em estado francez, derrubal-a, aniquillal-a, fazel-a pisar aos pés! Quando penso n'isto, dá-me vontade de rir.

— Já é ser ignorante — atalhou Milton.

— Falta d'estudo, falta de cabeça, falta de intelligencia, vista ofuscada pelo brilho de victorias felizes, ambição estúpida...

— Sem duvida — acudiu interrompendo o immediato.

— Imagine — proseguiu o illustre almirante — que nós inglezes deixavamos Bonaparte levar a cabo os seus planos; realizar as suas ambições! Imagine que nós inglezes reconheciamos á França á sua supremacia... Que diria a Europa de nós? Haviam de nos escarnecer, de nos chamarem cobardes, de nos alceuharem de parvos, porque, na realidade era uma grande parvoice que a Gra-Bretanha fazia.

— De facto, com a força que possuímos ainda...

— Diga com a força collossal que temos, que não diz asneira nenhuma, porque eu refiro-me, não á material, mas á moral. Vejamos o que é o espirito inglez... Olhe, Milton, isto salvará a Inglaterra.

E o commandante dizendo estas palavras apontou primeiro as costas do territorio portuguez e em seguida o norte do Atlantico.

— Aproveitar o exterior em proveito do interior — proseguiu o almirante com o seu gelido sorriso — dispôr das forças extranhas em interesse das nossas, auxiliarmo-nos com o que não nos pertencê é a nossa missão neste momento. A' primeira vista

parecerá este facto uma infamia, mas não é desde o momento que se profunde. Isto é a guerra... Bonaparte serve-se de tudo, do que é seu e do que não lhe pertence para procurar dar-nos um golpe tremendo, para procurar lançar-nos na ruina, para nos anniquillar, isto é, faz-nos a guerra e a Gran-Bretanha defende-se da mesma forma... Portugal é a nossa força... Se o general Bonaparte consegue appossar-se d'este pequeno paiz... então estamos perdidos... Para evitar que isso aconteça o que é preciso?

«Guerra, muita pressa e muita audacia... Direi como aquelle terrível facinora da revolução, o miseravel Danton — audacia e sempre audacia. Quem chegar primeiro vence a partida. Informou-me o meu governo que Bonaparte mandou invadir Portugal pelas suas tropas. E' preciso chegarmos antes do que ellas.

Sabe quaes são as nossas instrucções?...

— Bombardear o paiz se não se voltar para nós... respondeu o immediato.

— E' exactamente...

— Estamos á entrada da barra do porto de Lisboa... já... E aqui tem, Milton o que é o espirito inglez, o que é a nossa cabeça, o que é a nossa intelligencia, o que é o nosso valor...

Sidney novamente fitou em Milton os seus olhos prespicazes, profundos, cheios de vida.

O immediato então exclamou:

— Se Bonaparte o soubesse!...

— O segredo é a victoria... replicou o almirante, dando alguns passos sobre a ponte. — Para vencer é preciso saber com quem se lucta e Bonaparte ignora esse facto. Se o general corso tivesse reparado bem no valor de Nelson e na energia de Pitt havia de ter receio de nós... Eu estou certo que, dentro em pouco, a Europa ha-de agradecer-nos a paz geral, a ordem, a tranquillidade e a harmonia que vamos restabelecer...

— Que grande será então a nossa patria! — exclamou o immediato.

— Creio sinceramente n'isso...

Acabava o almirante de pronunciar estas palavras quando a vigia da prôa soltou o grito de homem ao mar.

*
* *

Tinha, de facto, cahido um marinheiro ao mar.

O desgraçado estando na gavea do mastro grande, afim de colher o panno caso fosse necessario, não se podera aguentar n'um dos balanços mais violentos da embarcação e deixara-se despenhar de uma altura approximada a onze metros.

Ao cahir no abysmo, tinha soltado um grande grito.

A vigia da prôa ouvindo-o, fizera por isso alarme e alguns soldados de marinha correram appressadamente para a amurada no intuito de ver se seria possivel salvar o infeliz.

Percorriam com a vista a superficie revolta do oceano, debruçavam-se sobre a amurada, soltavam gritos, chamando o companheiro, mas este desaparecera rapidamente, na garganta voraz do oceano. Era um homem perdido.

O contra-mestre viera tambem reunir-se aos soldados de marinha unicamente para se associar á dôr que os alanceava n'aquelle momento.

A morte de um homem que cabe ao mar é sempre para os marinheiros um motivo d'angustia.

Um desastre d'esta natureza impressiona-os vivamente e demais nas condições em que aquelle se dava.

Não se podia sequer tentar salvar-o. Arrear um escaler era pôr em grave risco novas vidas, era quasi cometter um acto criminoso. Se por ventura se tivesse feito isso, arriado uma embarcação ao mar, ella seria despedaçada d'encontro ao costado da fragata pelas vagas furiosas. Era uma perda irremediavel.

Todos lamentavam por isso a sorte do infeliz marinheiro, vendo a impossibilidade completa de tentar salvar-o. Além d'isso apenas o desgraçado cahira no abysmo nenhum mais o vira o que dava a suppor que elle tinha perecido immediatamente, despedaçado na quilha do navio.

(Continúa.)

J. BIVAR DE SOUSA



MOSAICO

A Targa Florio

Já terminaram as inscrições para a corrida que se celebra em Itália, conhecida por *Targa Florio*. Os direitos de inscrição orçam em 1.000 francos por carro, reembolsáveis, metade á sahida e metade á chegada, se fizerem os 450 kilometros n'um tempo maximo de onze horas. O vencedor ganhará a *Targa Florio*. Os premios são: 1.º — 15.000 francos; 2.º — 8.000; 3.º — 4.000; 4.º — 2.000; 5.º — 1.000. A todos os conductores que terminarem a corrida ser-lhes ha entregue uma medalha de prata com uma reproducção da *Targa* em recordação da corrida.

O cyclismo em Hespanha

Em Barcelona inaugurou-se um novo velodromo intitulado das *Areias*. A pista mede 250 metros pelo lado da corda. Em Madrid não ha velodromo nem esperanza de o haver de modo que os madrilenos estão privados de presenciar corridas em pista.

No entretanto abundam e crescem os adeptos fervorosos d'este genero de *sport*, apesar de os madrilenos não terem ainda logrado ver correr em pista o seu campeão de velocidade, o celebre Neira com elles lhe chamam. O grande premio da União Velocipedica Hespanhola correr-se-ha este anno em Bilbao n'um percurso ne 100 kilometros ida e volta, entre aquella localidade e Murga, por Hunbe, Piencia e Murgeia. Os hespanhoes contam muito, n'esta prova, com o seu actual campeão de resistencia Luiz Amunategui. Apesar dos pezares o excursionismo é muito frequente em Hespanha.

No principio do proximo mez d'abril celebrar-se-ha uma grande manifestação cyclista a que assistirá segundo se crê o cyclismo militar e os membros da Sociedade Gymnastica Hespanhola.

Os Sports d'inverno na Suissa

Ninguem ignora que a Suissa é um paiz encantador, no qual se praticam durante a inverno, os *sports* mais diversos e confortaveis mas tambem os mais perigosos.

Davos, Sain-Moritz e Engadine atrahem todos os annos, durante essa inclemente estação, os estrangeiros das varias nações, uns amadores ou profissionaes, outros simples espectadores dos *sports* da estação invernos. Todos os annos alli se disputam os campeonatos internacionais de bobsleigh, patinagem, ski, etc.

O bobsleigh é um trenó baixo cuja parte anterior é dirigivel; lançam-no nas descidas com uma rapidez vertiginosa, montado por duas, trez ou quatro pessoas. O campeonato d'este anno deu logar a alguns accidentes de pouca importancia.

Engadine viu este anno um novo sport; o ski-kjöring, importado na Suissa pela raça sueca, grande creadora das provas de inverno. Trata-se de corridas em que se não faz uso de trenós mas em que o conductor tem por unico vehiculo um par de *skis*. Este *sport* de aspecto impressionante conseguiu crear um grande numero de adeptos.

Os mais variados *sports* são tambem cultivados em Davos. Alem de patinagem das corridas, dos trenós, do *hockey* tambem alli se exerceo este anno, apaixonadamente, o jogo denominado *curling*. Pratica-se sobre o gelo e o instrumental empregado é quasi como o do *golf*. É um jogo de destreza e força.

Não menos interessante é a patinagem á vela. Os competidores, quando se trata d'um campeonato, collocam-se em linha, cada um munido e armado com uma vela como as dos botes. Ser-lhe-ha preciso, do mesmo modo que ao tratar-se d'uma embarcação escolher os movimentos e a direcção do vento. A vela auxilia a patinagem. Sob o esforço do impulso do patim e do mesmo modo que se conduz um trenó, pode-se utilizar o aparelho para orientar a sua direcção.

Este modo de patinagem só pôde ser praticado por *sportmen* vigorosos.

Ha com effeito a considerar que a extensão da véla é consideravel em relação á superficie do corpo. A patinagem á véla é praticada sobretudo na Suecia, Noruega, Dinamarca, e Alemanha do Norte onde ha campeonatos todos os annos e onde se reuñem *sportmen* do mundo inteiro.

O Bobsleigh na Alemanha

A grande taça d'inverno, fundada pelo principe imperial alemão, disputou-se este anno e no passado mez em Oberhof, provincia de Thuringe. Esta taça é a prova mais celebre e mais invejada da Alemanha. Reuñiu os melhores campeões do *sport* chamado *bobsleigh* e foi presidida pelo principe Carlos Ernesto de Saxe-Coburgo e pela princeza. A *equipe* favorita da prova era a de Tom, chefe d'*equipe* alemã, um temivel concorrente por causa da sua energia e habilidade em conduzir o *bobsleigh*.

O vapor «Lanfranc»

O progresso maritimo interessou sempre a gente luzitana. E' por isso que, cada vez que o ensino se apresenta, o nosso povo

corre pressuroso para admirar as innovações que se apresentão e que a imprensa tão detalhadamente relata.

D'esta vez a espectativa não foi illudida — por isso em cada visitante do *Lanfranc* pode a *Booth Line* contar mais um admirador dos seus louvaveis esforços para tornar agradável uma travessia por mais longa que ella seja, taes são as commedidades que todos nós ali podemos constatar.

A gentileza dos representantes d'esta companhia foi inexcédível para com todos os visitantes e o proprio pessoal a bordo parecia procurar prever os nossos desejos para promptamente lhes darem satisfação.

Agradecemos a amabilidade do convite que nos foi dirigido.

Lucta — O campeonato de Berlim

Está sendo disputado em Berlim, no circo Schuman, um campeonato internacional de lucta, que reuniu entre outras inscrições as de Paul Pons, Schackman e Clément, nossos conhecidos do anno passado.

A proxima exposição d'automoveis em Hespanha

Continuam a pedir-se em Hespanha varios locaes para *garages*. As principaes marcas tem interesse em expôr os seus productos não só hespanhoes mas muito principalmente os estrangeiros. A comissão organisadora continua a trabalhar tendo já conseguido do governo a approvação de tarifas reduzidas para o transporte de mercadorias pelo caminho de ferro e a franquia dos direitos alfandegarios para os que concorrerem em certamen.

Parece que o Real-Aero-Club organizará uma attraente festa internacional de balões, para os clubs da Europa e America.

A Camara de Cyclismo e Automobilismo está-se occupando do projecto de um concurso de turismo para carros de transporte e passagens.

A prova deve effectuar-se no porto de Guodarrama, terminando o programma com uma festa automobilista de carros engalanados á qual assistirá a maioria dos carros que ha em Madrid e os que forem das provincias e do estrangeiro.

Eugenio Peugeot

Morreu o conhecido industrial Eugenio Peugeot, pae do actual director da importante casa de Paris, o sr. Robert Peugeot. O finado deixa de luto a industria automobilista que n'elle tinha um fervoroso apostolo, conseguindo espalhar amplamente a famosa marca de automoveis de que é representante em Portugal o sr. Beauvalet

Pedestrianismo

No proximo dia 19 de março celebra a Sociedade Gymnastica Hespanhola o seu campeonato pedestre de dez kilometros, offerecendo os seguintes premios:

- 1.º — Medalha d'oiro e o titulo de Campeão da Sociedade, nas corridas de 1907, ao corredor que gastar quarenta minutos como maximo.
- 2.º — Medalha de prata ao que gastar quarenta e trez minutos, o maximo.
- 3.º — Medalha de cobre para um maximo de cincoenta minutos.
- 4.º — Diploma a todos os corredores n'um maximo de sessenta minutos.

As ultimas noticias dão como inscriptos uns trinta corredores pedestres.

Gustave Charpentier

Em virtude da critica publicada n'esta revista sobre a sua opera *Louise*, o distincto compositor francez acaba de enviar ao nosso critico musical Alfredo Pinto (Sacavem), uma bella photographia com a seguinte dedicatória: *Monsieur Alfredo Pinto, avec mes sentiments très sympathiques. — Gustave Charpentier.*

CAMISARIA UCEDA & SILVA

Sempre novidades

102, Rua de S. Nicolau, 104

JOÃO ANJOS

Fabricante de Medalhas estampadas

em qualquer metal para corridas, regatas, etc.

Especialidade em emblemas esmaltados

121, Rua de S. Roque, 123

TAUROMACHIA

Praça do Campo Pequeno

Com uma enchente, inaugurou a empresa Santos & C.ª, no dia 10, a temporada de 1907, no Campo Pequeno, dando-nos um *cartel* que satisfizesse os aficionados.

Se é certo que o espada contractado para essa tarde não é dos que mais agrada no nosso paiz, nem por isso censuraremos a empresa, convictos como estamos de que o seu intuito é apresentar os melhores artistas do visinho reino, repetindo-os as menos vezes possível, para assim dar mais interesse aos espectáculos.

Mas, a ser esse o intuito da empresa, o que é muito louvavel, não deve elle ser só observado com os artistas do visinho reino, mas também com os nossos, pois todos teem admiradores, embora se julgue que não, e todos teem direito a comer... As protecções para este ou aquelle devem deixar de existir, se existem ou alguma vez existiram, e se ha exigencias ou egoismo da parte de alguns, tudo é preciso que se saiba, porque o publico, que não se poupa a fazer a critica das empresas, precisa saber de onde vem o mal.

Para o bom resultado do espectáculo foi Emilio Infante um dos que mais contribuiu.

Os seus touros, muito bem tratados e na maioria bonitos, excepto dois ou tres que sahiram mais ordinarios, cumpriram na maioria, e o setimo foi até um touro muito bravo e nobre, que fez por demais realçar o trabalho de Cadete e Rocha.

Algabeño, como já dissemos, não é toureiro para o nosso paiz. O seu grande merito, que é como matador, só pôde ser avaliado na sua patria. Por isso, aqui, passa quasi despercebido, como passou n'esta corrida.

Se com a muleta não conseguiu evidenciar-se, com as bandarilhas muito menos; um ou outro passe, e um par de bandarilhas, e disse! E' muito pouco para um artista da sua envergadura.

Dos cavalleiros, nem um nem outro. Manuel Casimiro ou está cansado, ou então dorme á sombra dos loiros colhidos! Mas o mal não é de agora... O seu trabalho d'esta tarde foi mau a valer, e a ninguem convenceu. Bem sabemos que um dos touros que lhe largaram, principalmente, não era dos melhores, antes pelo contrario, mas não é também com os bichos á distancia de meia praça que se conseguem aproveitar. Por isso se diz, que d'antes eram os toureiros que iam aos touros, e agora são os touros que teem que ir aos toureiros. Além d'isso, quasi todos os ferros que Manuel collocou foram a cabeça passada!

E não querem, então, que se lastime a lacuna que Fernando de Oliveira deixou no toureiro a cavallo! E não querem, também, que se registre a ausencia de Joaquim Alves na nossa primeira praça!...

José Casimiro, comquanto estivesse muito e muito melhor que seu pae, o seu trabalho desmereceu extraordinariamente do de outras tardes. Foi no seu segundo touro que sobresahiu mais, e que, com razão, recebeu algumas palmas de justiça. No primeiro que lidou, porém, fartou-se de atropellar a arte e tudo que encontrou na sua frente, inclusive o estribo da trincheira, por onde a sua montada fez larga passagem.

Entretanto os amigos dos diabos applaudiram muito, mas o artista teve o bom senso, nas chamadas especiaes, ou melhor, nas que lhe fizeram ao terminar a lide, de não sahir do sitio que lhe é destinado para o fim — a porta do cavalleiro, como para os bandarilheiros é a porta da intelligencia —, evitando assim de maçar o publico, como fez Manuel dos Santos depois de bandarilhar o terceiro, que, de *montera* em punho, mendigava palmas em volta do circo como se fossem moedas para alguma instituição de caridade...

Nenhuma sorte de gaiola foi aproveitada pelos cavalleiros, embora ambos representassem muito bem o papel, de parceria com Theodoro e Manuel dos Santos. Não admira, essa época já passou á historia!... A parte mais animada do espectáculo foi-nos offercida pelos nossos bandarilheiros.

Cadete esteve feito um artista. Foram d'elle os melhores pares da tarde, que o publico premiou com justas ovações. A gaiola do setimo touro foi superior.

Rocha teve também alguns pares muito bons, quer no terceiro com Manuel dos Santos, quer no setimo com Cadete. Um dos pares, a *quiebro*, foi de valor innegavel.

Manuel dos Santos foi o que menos fez, secundando no entanto muito bem. Como Rocha, teve um par a *quiebro* de merecimento, e n'um *quiebro de rodillas* ouviu palmas justas.

Dos bandarilheiros do espada, *Posturas*, com as bandarilhas, pouco conseguiu, e Rodas ainda menos. O publico, complacente com elles.

Mas porque será que esse publico, quando se trata de artistas nacionaes, tão exigente é? Estiveram, de facto, infelizes aquelles artistas. Mas é isso, com certeza, o que succede muitas vezes aos nossos, que menos probabilidades teem ainda de vencer e de ganhar a partida, que os bandarilheiros dos espadas, pois aquelles teem sempre quem lhes escolha os melhores touros, ou, pelo menos, os que mais indicios dão de cumprirem. Ora aqui está um ponto que devia ser meditado, não só pelo publico como pela propria critica.

Os forcados, desastrados, e a direcção, regular.



Empresa Insulana de Navegação

PARA

S. Miguel, Terceira, Graciosa, (St.ª Cruz), S. Jorge, (Calheta), Lagos do Pico, Fayal e Flores. Sae o vapor **Funchal**, dia 5 de Março ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.



PASTA "COURAÇA,"
A MELHOR PARA OS DENTES
PODEROSO ANTISEPTICO
200 REIS

CENTRO HYPPICO ESCOLA DE EQUITACÃO

Dirigida por ANTONIO CORREA

Equitação para senhoras homens e creanças

Ensino de cavallos em baixa e alta escola

Rua Alexandre Herculano, 111 — AVENIDA

Fabrica de Ceramica

GARCIA & LEITE

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Malpique (Campo Grande)

LISBOA

Encarrega-se de projectos e construcções

PASTELLARIA MARQUES

Manuel Marques & C.ª

ESPECIALIDADE em doces d'ovos, biscoitos seccos, bombons-chocolates, vinhos nacionaes e estrangeiros, licores, cognacs, etc.

Fornecem-se Lunchs, Jantares e Soirées

Telephone n.º 989

70, CHIADO, 72

LISBOA

A. D'ABREU

JOALHEIRO

SEMPRE NOVIDADE

Rua do Ouro, n.ºs 57, 59

LISBOA

Gramophones

Machinas

Fallantes

—*— RUA DE S. NICOLAU, 113 —*—



Foot-ball

Liga entre primeiros grupos.

Realisou-se no dia 3 do corrente o desafio entre o *Sport Lisboa* e *Club Internacional de Football* no Campo de Carcavellos por obsequiosa deferencia do director telegrapho submarino sr Wyse.

A primeira parte decorreu pouco animada, havendo a registar uma lamentavel contusão na perna do incansavel *forward* do S. L. sr. A. Couto que teve de retirar do campo. Na segunda parte a despeito da importante falta do aludido jogador, o grupo de Belem jogou com uma energia e acerto dignos de registo, devendo nós especialisar os srs. A. Costa e o *goal-keeper* Móra, que esteve verdadeiramente brilhante. O *back* do C. I. F. sr. Sissener jogou admiravelmente; é muito energico, decidido e resistente, mostrando bem o quanto vale o methodo de educação physica em honra no seu paiz (Suecia).

Foi nesta parte que o juiz sr. Mellis apontou 1 *goal* a favor do S. L. Sendo nós dos que nunca regateamos encomios á maneira brilhante e imparcial como em regra aquelle cavalheiro se desempenha do espinhoso cargo de juiz não deixaremos por isso mesmo e porque o

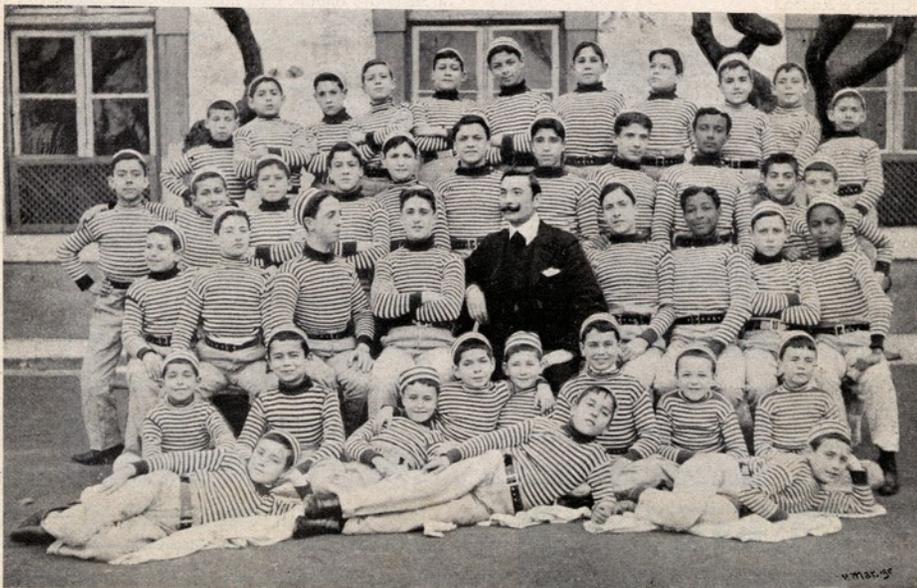
ter tocado num jogador. Isto seria muito justo se não se attendesse ao seguinte: O jogador incriminado sr. J. Bello estava para traz da linha do *goal*, e por consequencia não em jogo, logo não se podia marcar *goal*, proveniente do pontapé directo, e admitto que estivesse em jogo, haveria tão sómente logar para um pontapé de castigo (*penalty-kicke*) por ter sido *mão* na area do *goal*.

E fechamos aqui o incidente.

No dia 10 devia effectuar-se o ultimo desafio da Liga entre o C. C. e C. I. F. Tendo faltado a este, seis jogadores resolveu-se não haver jogo, marcando-se uma victoria a favor do grupo inglês.

Damos em seguida o resultado da Liga:

Clubs	Victorias	Perdas	Empates	Pontos
1.º C. C.	5	1	—	10
2.º S. L.	3	3	—	6
3.º L. C. C.	2	4	—	4
4.º C. I. F.	2	4	—	4



O professor Walter Awata com os alumnos da Escola Academica que tomaram parte no sauran effectuado no Coliseu dos Recreios a favor do Instituto D. Afonso
Cliché E. Zenoglio amad.

manda a verdade de aqui expandir a nossa opinião sobre aquelle incidente, que tem dado origem a discussões e controversias das mais animadas.

Foi o caso que num pontapé de canto dado contra o C. I. F. a bola muito bem dirigida entrou no *goal* directamente. Pela lei xi um pontapé livre directo não pôde dar origem a *goal*, excepto quando proveniente de infracção da lei ix (rasteiras, mão, e certos empurrões); o pontapé do canto é segundo a lei x um pontapé livre. (No original inglês a pag. 19 está bem expresso nas instruções aos juizes o seguinte: *Note that a goal cann t be scored direct from a corner-kick.* ...). Aconteceu que nessa occasião um jogador do C. I. F. (partido que defendia) tocou na bola com a mão, o que deu origem a o juiz apitar e marcar-se *goal* com o pretexto de que o pontapé já não era directo por

Torneio do Football.

Realisou-se em Alcantara o desafio entre os 2.ºs grupos do *Sporting Club Portugal* e o *Football Cruz Negra*, marcando aquelle 3 *goals* contra 1.

No dia 10 houve outro encontro entre os 3.ºs grupos do *Sport Lisboa* e do *Club Internacional*, marcando este 1 *goal* e aquelle 2.

O estado do torneio é como se segue:

Segundos grupos. O. S. L. (que venceu o C. I. F.) hade jogar contra um dos seguintes F. C. N. ou S. C. P. que estão empates.

Terceiros grupos. O F. C. N. tem de jogar com o S. C. P. e o que sair vencedor no melhor de trez jogos tem de bater-se com o S. L. (que venceu o C. I. F.).



Sua Magestade o Rei Frederico da Saxonia